

Os sonhos da minha letra: poesias e contos

Evaristo Cassinda Joaquim

ORCID iD <https://orcid.org/0009-0008-5125-8251>

Evaristo Cassinda Joaquim, filho de Feliciano Joaquim Candimmba e de Alexandrina Niñgole. Nasceu aos 13 de Maio de 1996, na povoação do Calueio Município de Bailundo, no Huambo. Obteve o Ensino Médio ao curso de Ensino Primário até ao ano 2017 no Instituto Médio da Missão Católica da Vavayela-Cachiungo-Huambo. Licenciado em Ensino de Biologia, pela Faculdade Pedagógica do Cuando Cubango da Universidade Cuito Cuanavale. Professor, Empreendedor e fazedor de arte. Coordenador do Grupo de Busca e Difusão do Saber ao Cachiungo-Huambo (2014-2017). Secretário do Grupo de Busca e Difusão do Saber Cuando Cubango (2019...). Participou na elaboração da 1ª obra literária intitulada *o meu livro a minha Bússola do saber* do Grupo de Busca e difusão do Saber (GBDS). -Evaristo Joaquim é um estudioso de livros da linguística moderna e de literatura universal. Admirador incondicional de Agostinho Neto, Pepetela, Nelson Mandela Voz D´aurora, moisés Malumbu Manuel Rui e outros. O autor alimenta o sonho de publicar várias obras de literatura angolana e não só.

Dedicatória

Aos meus pais, Feliciano Joaquim Candimba e Alexandrina Niñgole com quem aprendi a pronunciar as primeiras palavras. A todos os meus familiares que directa ou indirectamente estiveram comigo. Ao Decano da Escola Pedagógica da Universidade Cuito Cuanavale P.HD André Artur Dalama Tchipaco, aos Horizontistas do Grupo de Busca e Difusão do Saber que incansavelmente continuam a cultivar o espírito de leitura e de trazer vidas a caneta.

Agradecimentos

Quero exprimir os meus sentimentos de gratidão para com aqueles que directa ou indirectamente, antes ou durante o acto dos acabamentos da elaboração da mesma fizeram sentir a sua presença e participação material ou espiritual.

RESUMO

Um tempo a esta parte, Angola tem vindo a enfrentar muitos constrangimentos em especial no domínio de ensino e de saúde; resultando no excesso absentismo escolar, mal qualidade de formação e entre outros. Neste contraste melancólico e de euforia descrevi características ou propriedades destes proles angolanos que choram e clamam para um reconhecimento adequado a seu nível social embora não seja no seu sentido holístico. Importa ainda salientar que o alvo desta humilde obra é de exteriorizar, emergir aquilo que o povo vive no seu quotidiano em termos de formação, trabalhos e outros, apesar do continente africano ser considerado o mais atrasado, estamos em primeiro lugar no que diz respeito aos recursos naturais, sendo rico por possuir a diversidade da fauna, da flora, recursos minerais e outros.

PALAVRAS-CHAVE

Literaturas; Angola; Poesia

Les rêves de mes paroles

RÉSUMÉ

Depuis quelque temps, l'Angola est confronté à de nombreuses contraintes, notamment dans les domaines de l'éducation et de la santé ; entraînant un absentéisme scolaire excessif et une mauvaise qualité de la formation, entre autres. Dans ce contraste mélancolique et euphorique, j'ai décrit des caractéristiques ou des propriétés de ces prolétaires angolais qui crient et réclament une reconnaissance appropriée à leur niveau social, mais pas dans son sens holistique. Il est également important de souligner que le but de ce modeste travail est d'extérioriser, de faire émerger ce que les gens vivent dans leur vie quotidienne en termes de formation, de travail et autres, même si le continent africain est considéré comme le plus arriéré, nous sommes en premier place en ce qui concerne les ressources naturelles, étant riche par la diversité de la faune, de la flore, des ressources minérales et autres.

MOTS CLÉS

Littératures; Angola; Poésie

Vocabulário

Candengues -- crianças

Banda -- zona

Quianda -- muchito

Candente – que aqueceu a ponto de estar rubro-claro em brasa.

Sucumbir –cair debaixo, não resistir, desalentar-se

Muenongue - Menongue

Sanzala - povoação

Vertidas- que se verteu, que transbordou

Cantigas - Canção

Musseques – conjunto de habitações populares, bairro, gueto.

Lambareira –provar, aquele que gosta de lambarices.

Ondjango – casa de encontros ou reuniões familiares.

G.B.D.S- Grupo de Busca e Difusão do Saber

CANDENGUES AFOITADOS

Chorando num olhar silencioso
Num calor com pelejas rinosas
De um Castilho sem rima
São candengues da Banda
Chorando vidas sem pelejas

Bem,são candengues da quianda
Marchando com lástimas
Ondosas numa fama
Sem tropos de calçadas

Num espírito candente
Numa luz resplandecente

É o sucumbir dos candengues
A Trovejar, numa noite sem luar
Numa realidade florescente
Num olhar do muenongue
No som d'aquela sanzala

Lágrimas vertidas nos cantares
D'aquela sereia do mar
Eu, não sei,
Cantigas cantadas com cânticos
Esplendosos



Com o sorriso das aves no musseque
D'ou vida não, p'ra onde vai
Riposta mestre mudo, no embebedar
D'aquela alma o aí
O aí luminoso, o aí que canta o ejacular
Das aves nos musseques

Eu, eu não sei
Não sei no lambareiar dos candengues
Da minha banda
No lacrimejar de seus pés
É o ondjango da vida.

* * * * *

MAGISTERIO MINHA ESCOLA

Apetece-me transcrever prosas e contos
Polissémicos
Que transbordam a missão da vavayela
De modo lírico que podem ser revisado e percebidos
Pelo mundo inteiro
Que saiba exprimir os sentires do pau-a-pique
Retratando o verdadeiro Kilimanjaro do magistério cachiungo!

É a grandeza da minha escola o sorriso dos meus colegas
O poder das suas memórias
Faz-nos caldeus magisterianos
Perdidos na contracapa do ensino geral
Da repartição de uma mulher de olhos vendados
Onde todos queremos saber
Mas nem todos sabemos do que queremos

Apetece-me atirar nas estradas do norte,
Desarrumar o meu leito mental
E recolocar o alfabeto francês
E conhecer o método da matemática
Mas não posso!
Sabem porque? Porque vocês não querem saber

Queria edificar nas palmas dos
Meus educadores
O magistério perfeito da vavayela
S'acrescentarem em grandes e largos rios
A vavayela sem lágrimas nem dor



Queria trocar expressões com
O rei quinto, escutar e ouvir
Contos da irmã Domingas
Praticar e viver conselhos
Do Dr. Kanhama pra ter
A certeza de que o amanhã não
Será ilusão
Nem pra mim, nem pra a borboleta
Com lágrimas abertas
Mas não posso!

Queria ser a pétala das pétalas
Magisterianas,
Onde o muanguenje sboy é
Jornalista dos regozijos fantásticos
Onde se deseja e se ama todos
Os magistérios belos encantados e branzeados,
Onde o ensino é enrolado no pau-a-pique
Com tampos abertos e cadeiras de blocos
Com cinturas abertas e pernas desgasta

Com um grito silencioso!
Mas sobretudo não posso
Sabem porque?!!!!!!!!!!

Quiç'aminha escola é esquecida
Numa dor cefálica??!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

* * * * *

DARDEJANDI LÁGRIMAS PRA A VAVAYELA

Então, então paremos
Paremos de gritar
Pra que gritar? Desejar
Que o irmão venha calar-nos
A vavayela e nossa casa
Mãe de todos nós
De janelas esburacadas
Com vontade de levar a humanidade
Pra a eternidade

Então gritemos, gritemos
De maltratos sem pena
Carrego o tampo o com os ais mos
De esperar um dia melhor
Com um teatro sem sena
Com um comando exterior
Com um amanhecer sem dia



Então gritemos
Gritemos pra ti vavayela
Afoitar-nos com saberes diversificados
Amontoa-nos em lagoas de palavras
Sem água, com uma vida sem ela

Então, então pararemos
De falar de ti vavayela
Quando os nossos olhares e vozes encherem
Os buracos do pau-a-pique
Quando os seusinhos clamarem
Ao deserto do pau-a-pique
Com um amanhecer aminhassado
Com um futuro recebido
Por de baixo das árvores do pau-a-pique
Com um grito como a da aurora

Mas sobretudo anda bem aos seus
Lados, aos seus sobressaltos
E abre bem devagar as suas
Pestanas e olha-me bem

Ali esta a vavayela perfeita
Então a construamos!

AS ANDANÇAS

As andanças também andam
Andam na caminhada da vida
Andando com pentes nas calças
Abrindo um horizonte descalço
Pra mergulhar na calçada da vida

Questiona um recém-conhecido
Conhecido sem criptónimo!
Wau!!!!pra onde se vai?

Não, não há filme sem jogador
Na captura da noite caída
Na fogueira angolana do anónimo
Do cacarejar do caçador
Sem armadilhas na batida
D'aquela cena cénica!!!!

* * * * *



NA NOITE PELEJADA

Na pelejada noite pelejada
No silêncio grito do cutato
Na batalha de uma filha amada
Bem, é na bela vista!
Cidade albergadora de um forasteiro
Nu de vida e de ocos olhos
No calçadão dos seus dedos
De famílias desabotoados e descalços
De veias

D'aquela noite pelejada Da caputa
Da lagoa dos cansados...
Ficou o belo olho sem pestanas

Nas cavernas do dondi
Vida fixa nos olhos do dondi
Ventos soprando do nordeste a leste
Nuvens brancas mostrando
A negritude das águas do dondi...

* * * * *

BEIJEI NO UMBIGO DA MINHA

Minha sem elas no
Massangano da Aquela noite
Noite sem luar e hospitais
A morrerem de fome, e
A fome dava caprichos conclusivos

Nem, nem meu olhar, nem
Minha cantiga do sono
Intervia no contexto insurreal
D´aquela sangrenta dor
É o meu pai que esmiúça

Esmiúça sem ele, ele sem palavras
Palavras caladas na aquela **noite**
Noite sem luar
Luar fingindo no sucumbir na **noite**
Luar daquele massangano!
Wau !!!

* * * * *

OVASO VOLONDAKA AVANGULA

Kasukokisa olondaka vietu
Kocinjila comana colonjimbibi
Kocunda comanu **etu**
Olondaka kavisoni kavikambi
Vilu lyatosi lyokupulisa
Angola we okasipi?



Elyapo lya susu lyandikumbulula
Ke tala lyolondaka
É a vida com calonjandas
Abertas sem casaco so a ele
Se ouve palavras construídas
Sem letras

Ame pwai pi nguendela
Vakwe ?
Esengahumba lyokufuima
Kondongosi yo vaso yacipopya
Acuti os dígrafos também
Falam!

Estive pra consignar
A trovoada da 12.2
Onde o chefe é acabrunhado
Com turbulentos alienar!

EJACULEI LÁGRIMAS NO UMBIGO

E na destreza dos meus amigos
La onde a conversa é cristo
Na buraqueira estrada
Da floresta

Lá iá indo
Ía indo com amizades fracassadas
Com Bíblias abertas sem letras
Letras sem palavras
Ía indo descobrindo o síndrome
Das palavras nas capelas de são tome
E príncipe
Descobrindo o silêncio dos profetas
Na santa doutrina

Í indo com as paredes da floresta
Colonato
Das gargalhadas d'aquela tríplice
Amizade
La onde fui blindado
Com perguntas sem palavras
Pra ripostar

Na solidão da bananeira
La onde ate a cana riu-se de mim,
Porque? Ham já sei!
La busquei as palavras
Construídas pelo abecedário
Achado na floresta do colonato.



* * * * *

O DESPERTE DO EMISSÁRIO

Acordei num silêncio
Equivoco de mim mesmo
Num dia repleto de utopias
De uma música que se esconde
Numa lata de cerveja
Numa sombra de fantasmas
D'aquela algibeira

Acordei nos seios das suas tarefas
Lá onde aprendi a engravidar
Notas vermelhas com folhas
de papiro lá
La onde todos bêbados com
As malambas do tempo

É no magistério minha caverna
La onde aprendi a cavalgar
De patas ao **ar**,
Pra fazenda do assimilado
É no cachiungo onde aprendei
A raspar as barbas com cacos de garrafas

La onde mergulhei com trompas
Abertas
O francês que nunca aprendi
É; é na vavayela ...

* * * * *

CASAS DOS BANTOS

Pátria das cavernas
Os donos transportam lenha
Com joelho
Mamas azungar o bolinho
Com dentes

Angola pátria das baratas
Chineses a coser cubico de panos
Langas azungar as malambasda
Vida
Irmão angolano? Angolano!
Ola o chá diário
O caporoto
Angola pátria negra
Negra angola!



Angola
Bantus a Peculiar caixas vazias
Com charutos de cigarro
A Tossir casas de barro
Bantus apedrejados em suas cavernas
Gangueleses a gritarem
A Gritarem mama? Mama?
Mama africa será que vendeste o berçário
Do caçador?...

Hai não!
Estamos fartos
Fartos da mitologia dos santomenses
Estamos fartos dos velhos calços
Cachitiopololo, ngingakuvu vu, muenongue...

* * * * *

SANGRENTA DA VIDA

Sangrava gargalhadas de tristeza
Tentei ser a palavra do firmamento
Eu descia, descia pra descer a descida
Enquanto os outros subiam
As subidas do magistério
Eu batia meus pés nas letras
Cantava em mandarim nas matas
Tocava bangos em vos de
Kanike

Tracejava geometria pra formar
O triângulo de tabus científicos
O nevoeiro era a minha constipação
O conhecimento causava-me febres
Enquanto calvagava com comboios
No mar da leitura no santo magistério
O meu nariz não parava de perguntar
Dr. Kanhamapra onde vai me levar?
Me fala por favor!

O manjar do balaio **me pede**
Me pede zungar o abc
Na fazenda do assimiladome **pede**
Estender a cabeça
Nas muralhas de Jerusalém amaldiçoado



Me pede inalar casas de barros
Me pede tocar idiomas
Idiomas sem designação,
Dr. Kanhamara onde vais levar
Suas crias?
Pra onde?
Kuikouya?
Hai !!!!
Mulisinalya tata,
Lya muana,
Lyacimbembessi
Mumumamwe!!!

O TROVEJO DE UMA LÁGRIMA

Nem o urinar de uma mosca
Nem o trovejo de uma lágrima
Conseguia quebrantar o silêncio
De um apedrejado

As palavras permaneciam
Permaneciam nas pastas cordas vocais
Permaneciam nas flores do meu jardim
Onde as baratas, as formigas, os ratos
Suavizavam vozes e cânticos amorosos
Enquanto o sino das horas tocavapelas
Orelhas dos humanos

Os humanos batiam seus pés em cima
Das nuvens dos céus;
E arrulhavam, faziam falecer a negritude
Da minha mãe africa

Olha aquele ai!

Olha aquele ai!

Hê! Hê! Hê!

Agora sim,estou indo ...

O destino sabe onde me levar...

* * * * *



O CARPIR DE UMA COR

Sinto a dor que nem lagrimas **podem**

Podem

Em meu leito faze-las desaparecer

Vejo a cor mais cruel e azeda

No rigor da mais viva

Intensidade

Ho luminosidade da cor amarela

Tu que lançou sem piedade

A cor mais amarga aos meus lábios

Significando a esperança **de**

Todas as cores

Ho matiz ensaboaste o azul

Escuro dos céus; nas mais densas

Nuvens do conhecimento

Luz, luz que verteste o meu sentido

Nos suaves objectos da natureza

Uivaste o sabor dos fenómenos

Da pátria visual, nas lâmpadas

Estrelas da minha visão
Ensinando-me a cantar!

Hó cor! Ho hó**cor**...
Brilhante é a sua **luz**,
Ho cor! Ho hó**cor**...
Brilhante é a sua **luz** !!

* * * * *

G.B.D.S.

Minha caneta, meu livro, meu cajado
G.b.d.s meu garfo meu prato
Meu coração, minha inspiração
G.b.d.s

Trovejastes lágrimas poéticas
Na mente de um engraçado poeta
Com a cor vermelha
Simbolizando o amor a tabus
Poéticos

Uivastes caminhos pedregozos
Aos amantes da mitologia poética
Aliando-os com frutos verdes
Sinalizando a esperança da
Ressurreição literária



Servistes os pratos furados **que**
Nem mesmo o molho do feijão **consegue**
Conservar
Espistes a sua honra aos seus
Trovadores, trovadores da lâmpada poética

Haí G.B.D.S almejo por
Ti meus sentimentos!
Sentimentos rejubilados pelo
Pelo!!!!!!

* * * * *

A FLOR DO AMANHECER

A flor amanheceu nasceu na **vida**
De quem vive, nasceu pra sonhar
Omurmuro do saber no prato **da**
Alegria

Aflor do amanhecer embarcou a criatividade
Do saber e a acorrentou as pedras da preguiça
Amanheceu no céu imaginário do mar
Para encorajar os pedaços das estrelas
Amanheceu no céu do meu eu!
Hai flor do amanhecer!

Nasceste num pranto imortal da tristeza
De uma queroson, nasceu afim de sanguentar
A lua da **vida**.
Aflor amanheceu para fazer brandar
O olhar de uma lagrima, para quebrantar
O céu do **saber**
Oh flor do amanhecer!

* * * * *

HAI SE EU AMASSE!

Se eu amasse cairia num **texto**
De vinte quatro sectores de **ouro**
Se eu amasse dava-te um a petrechamento
De cargas de amor

Se eu amasse, iria ao mundo
Imortal das flores da **terra**
Dava-te um mural dos fios da
Minha **cabeça**

Se eu amasse, cada inseto existente
No mundo das estrelas viveriam para
Enxugar as minhas lástimas
Hai se eu amasse!

Se eu amasse cada pedra de chuva
Cairia nos meus olhos para limpar
O engrossamento da minha tristeza
Cada pedaço dos meus cabelos
Voariam no mundo da imaginação
Se eu amasse!...



A LEBRE E O CÁGADO

Esta família procurava posicionar bem na sociedade caminhado bem como seria mais por motivos da ganancia e de iludir a primeira vista mesmo sabendo que nada tinham queria que cada vez mais tivesse algo mais valioso o que agente conseguir devemos acabar hoje sem prever o amanha; indo na logica bem seria espondeu o cágado, como será se deus já te deu a oportunidade de obter quaisquer coisa e teres a capacidade de raciocinar que restasse para o amanha e você pelo orgulho do hoje quês acabar ou então ter coisa valiosa ate que não restasse nada só porque a cada dia com a sua bênção? Meus filhos, minha família não confirmam estas premissas cheias de mitologias, visto que, Deus ajuda quem se esforça no entanto temos de trabalhar e saber economizar o que tivermos na quele dia com a finalidade de que caso resta qualquer coisa sirva-nos para uma outra ocasião; o filho ouvindo estas palavras engrossadas de sabedoria sem procurar perceber com exatidão e começou a dissociar-se da família, procurando o bem que ele desejava sem esforços melancólicos, pois a ruas as másvirtudes e os conhecimentos pervertidos tomava conta dele; sem dar por conta depois este jovem por ter caminhado com bandidos, estes por sua vez praticaram uma Ação pecaminosa e nela nenhum destes foi apanhado e a lebre que era inocente de tudo que tinha acontecido foi capturado pela policia nacional numa manha do horizonte diretamente para são nicolão ficando dez meses de prisão o rapaz saiu inocentemente tendo reconhecido o seu erróneo fatalico pediu mil vezes mais perdão aos seus familiares, tornando o melhor conselheiro no seu seio familiar.

HOO! HOO MAGISTÉRIO

Obrigaste o filho de alguém aplantar
Lagrimas nas nuvens dos céus
Com tormentos de um sabor
Repugnante
A esperança é a honra da sua existência
Opróbrio magistério!

Medes o conhecimento com litros
De capuca
Os seus amantes são batizados
Com taças a seu gosto
Há háhária o pastor da unea
Sou o caminho e a porta
Para se albergar neste
Curral de inanimatos

Magistério, quis pôr um riso
No meio do teu choro calado
Onde so o grito dos gatunos
Soá
Porque?Porquêmagistério?

Destes a papa feita com lagrimas
Das cereias
Do mar
Sinalizando um conhecimento
Com caudas de peixe
Sim
Sim, lá aprendi a colocar
O descartável aos meus
Lábios

Para tapar a pauta vermelha
Com cadernos branqueados
As janelas da s tabuas a chuva
Os gritos dos cabritos a poeira
Trazia a fome em nossas memórias.



* * * * *

AMOR

Amor ilustra a ganância do **coração**
Não estila o suor da **fobia**
Apedreja já sagacidade da **vibração**
Melindrosa do descaramento **testamentária**

Repugnante do lazer **afiliação**
Do aprazível á lacrimégível a **demência**
Oh amor Celorico da minha vida **fria**
Canotizante do elogio da meiga **consternação**

Infortúnio de sentimentos **recrudescentes**
Sobressaltados na à demência **cantiga de lazeres**
Oh amor inexorável mitigante dos **remorsos amargantes**

Estilante de roturas **intrínsecos dos suores**
Alcançados na **petulância obscuridade**
Largados nas cavernas **mitológicos da paixão ridente**

* * * * *

AGENTE SEM DAR CONTA: A LUZ DANÇAVA OS NOSSOS OLHOS

Agente sem dar por conta a luz
Dançava os nossos olhos, penetrando
O mas inestimável **endócrino**
As lâmpadas gritavam e soltavam
Luzes vermelhas



Agente sem dar por conta; a luz dançava os nossos olhos

Deitando mecanismos de cor **lilas**
Ampliando a visão de **forma**
Industrializada
A humildade e a **fobia de**
Não receber uma **banana verde**
Nos fazia cada vez mais **acabrunhado**

Agente sem dar por conta, a luz dançava os nossos olhos

Lavrando as fazendas **dos nossos**
Olhos, com materiais de **construção civil**
Mergulhando **os nossos**
Olhares em **luares pedregosos**
Mais!

Agente sem dar por conta, a luz fatigava a nossa visão

Oito lâmpadas em cada **abrigo**
Apenas três **deitavam lágrimas**

Branças e as restantes
Urinavam luzes negras
Dardejando o suor dos nossos
Olhos

Mais agente sem dar por conta, a luz fatigava a nossa visão

Abrindo em cada olho, janelas
Sem portas, onde o vento, a poeira
E os remoinhos encontram lugares
Para albergar

* * * * *

ACAMPANHAMENTO DO VALE DO KUEVE

Com frutos doces é ambiência
Organização das suas gargalhadas
Isolando-nos num suspiro olhar Das
Espadas dos raios solares **do Queve**
Abtuando-nos um calor ardente
Dos contos **do Queve**

A bananeira a mangueira, a mulembeira
A lareira e o chá da santa soja
Embragava cada vez mais o cristianismo
Em nossas memórias
Enquant'o chá do santo frio lutava
Contra os espíritos eloquentes



Os pássaros voam, Gritavam e choravam
Enquanto as cicatrizes das panelas faziam-se
Feridas sem cura
A rede cola a blue e a santa quimbombo
Tomava parte das nossas gargantas
Enquanto soltavam papeis brancas
Missão do vale **do queve**
Apedrejastes á doutrina cristão nas paredes
Dos nossos pensamentos
Elasticando-nos num ambiente quente
E quentamente quente sem calor
Onde a player, o futbool, as famosas
Picture e o banho do rio vale **do queve**
Tomava conta de nós nos tempos criativos

Hó vale do queve!
Que servistes para nós! Uma escola apedrejada
De vidros, mesmo com janelas descalças
Servistes pra os acólitos do bom pastor
Vale do queve muito obrigado!

SOCIEDADE IGNORANTE

Me **ignorou**
Soltando línguas ardentes
Com cheiros de cocos de **ratos**
Ela me **ignorou**
Mostrando caminhos pedregosos
Recheados de orgulhos
Rasteando meus pés em saltos venenosos
Há! há! há! há!

Sociedade perturbada
Amargante são os seus caminhos
Obscuros, obcecantes é é !
Proporcionamos um gosto esverdeado
De uma barata doente
Enterras os pensamentos dos futuros oleiros
Com cheiro de cacimbo e de álcool
Sim, sim
Sociedade com flores vermelhas
Significando o amor pela
Consternação da juventude
Matando-nos um por **um**
Como se fosse a morte de **um**
Palito de fósforo
Ensinando-nos sabedorias com
Barbas brancas
Há! Há! Velha sociedade!!!!!!



* * * * *

VENTOS SOPRANDO, SOPRANDO

Nestes lunares **luminados**
Nas estrelas ruas do **gomes**
Ventos soprando do norte
A nordeste trazendo os **ares**
Com cheiros **iluminados**

Se desprendem a **humanidade**
Sobre as vistas da bela-vista
Vista luzida pela **felicidade**
Na **vaidade** dàquela **beldade**

Nestes lunares luminados
Cores sobre-pondo **cores**
Nos luares coloridos das **cores**
Que te importa o rijo vento
Deitado pelas flores do **gomes**?

O que ensina o grito da **serpente**?
Gomes é um lago afoitado na **nascente**
Atirado nas suaves brisas da pena
P'ra que recear?

Recear nos lagos da sua **aventura!**
Nos encantos da sua **ditadura**
Nos ventos vindos **das lágrimas**
Almadas **nas afamas!**

Nas redargues **aventuras**
Aventuras apaixonadas
Num Lumiar peculiado
Só há **traição, traição**
Traição, traição
Brotada no **coração**

Das ruas do **gomes**
E arquivados nos **adágios**
Das suas **lástimas**
Lástimas, **lástimas!**
Nos ermos das suas **lâmparinas**

* * * * *



BATEU A PORTA A INOCÊNCIA DO GRITO

Bateu a porta a **inocência do grito**
Bateu o **arnês das sanzalas** nas escadas
Do **magistério**
Tocou os olhos de quem viu
Como ondas da vida

Vi claramente com os meus olhos
A madrugada da cor do **céu**
Nos arredores de um **seu**
Estrelado

Vi ainda a **miséria e a mesquinha**
O lago e **alegria**
O **sombrio e amargura**
Nas suaves brisas sentidas
Nos **arraiais dos seus arredores**

O **silêncio** calou o tempo
As **lágrimas** desprenderam-se **nos**
Contos contados nas **afamas**
Duma **curtinha**

Apar disto, é a garra **das**
Escadas das suas **lástimas**
Das suas afeições, dos seus
Encantos
No pernoitar d'um velho esquecido
Quiçá contos e fadas
Vestem escrupulosamente
O estro **dos** **nossos** ancestrais

Ancestrais granjeados pelos
Seus mancebos
Ancestrais exaustos pelo seu tempo
Adorando a inspiração da sua
Pátria; pátria galardeada pela miséria
Pelo desterro pela exclusão de direitos! É

É o zoilo, é a cólera da disposição
de objectos incultidos na alma
D'um futuro próximo
Na cova d'um crítico invejoso

Lágrimas não me restam
Não me restam lágrimas para
Lisonjear esta pátria do pau-a-pique
Enxugando seus mitos e tirando
Nos seus cajados, os flágios
Que queimam a sua lareira.
Bateu a porta a inocência do
grito ! pra quê não entra !!?
melhor é entrar provando seus ritos.



* * * * *

NAUFLAGO NAS ROSAS DOS SEUS ENCANTOS

Nas malambas do magistério
nauflago nas flores da felicidade
Baloçando nos cajueiros da humanidade
Navegando pois, a pois magistério

Nestas águas, meus olhos vêm,
Vêm a sangrenta vavayela
De mãos ligadas á um leito singelo
Á uma tristeza melancólica vem!
Vem vendo e trazendo na frente a vavayela
De flores rupestres;

Trago no peito choros de lágrimas
Túmulos encovados nas afamas

Em busca da felicidade
Pra a eternidade
Num meigo da vavayela so ela, ela
Molda um coração repentino

Lançando mãos nas tempestades
De um horizonte como a d'aurora
Vonelehon yakunde yovamangi
Kekakamiso yalende omanu
Ocisola calende olondaka !
Yovandji akandu alyola kiso lyovatu!!
Lyovatu!...

* * * * *

TREPOU POR TERRA O MEIO DAQUELA ESCOLA

O grito d'quelas súplicas e da vavayela
Trepou por terra de todas as extremidades
Do Cachiungo e o vento chora, chora
No meio da quela escola

Enquanto a poeira pintava o rosto do me tear
Sentia os meus espaços enforcados pelas
Cordas dos meus versos
E o sol nascia e se opunha
Candengues a choramingar, a choramingar
Lágrimas sujas, lágrimas de vergonha
E de ser nganguela



Buracos inchados eu via com meus olhos
No meio das lembranças daquela primavera
Tim, tom tim tom, tim tom é o que falavam
Na língua deles, não sabia....
Mas advinhava que eram de coragem
Para ele e da amizade que só envelhece
E morre na luta para o bem de todos
Angolanos

Como pau grande das matas, mata
Devagar a esperança de um dia
Comer o arroz no natal e festejar
Com batuques sem peles e camisas rasgadas
E com o vento molhado da chuva que tinha caído,
Chegaram os alunos a cantar, a cantar
Nas orelhas do meu eu

E no meio daquela aldeia escorria
Rios de lágrimas e tempestades de clamores
Porque candengues so sabiam ir as lavouras

A REMOÇÃO DO ABISMO

Pequeno poeta em kuando kubango menongue cidade do progresso dardejando um ambiente fortemente quente, nestes lunares luminados com aquele pudor o de encarar a life quotidiana de um horizontista, com amor de buscar um luar mais saudável e posteriormente removeram-se as portas do abismo quando o seu dia-a-dia tornou-se –a recruta de grãos-de-bicos e logo as minhas férias foram um mar de cenas na calçada da aquela noite, observei, observei lagos e lagoas, raízes e plantas, noites e luares, lâmpadas e lamparinas e vi ainda animais a calçar chapéus a dançar semba e a calvagar de patas ao ar e na qual tentei transbordar letras palavras, cenas e acção mas sobretudo o opor do sol manifestou-se tardemente da festa no entretanto a festa não foi possível ser transbordada.

* * * * *

OCIÚNGO CAVAVA

ociúngo ca pasula ngila kasango a vava
vakúé, vakúé
e o fim canta e rulha nos
nossos dedos
e deles brotam o suor do estágio
caminhando para o adágio
o tempo foi se consumindo
como taças de ovelhas brancas
como a neve



bebi o meu próprio sangue
quando vi o meus quadros a serem pintados
pelas cores dos mosquitos
amando a inspiração da nossa pátria
Angola.

escorre o sangue nos ossos dos tristes
e desprendem sobre o rosto lágrimas de dores
lágrimas de alegria e de Torres
fântásticas que abriu
as escadas pra uma pedagogia
baseada em utopias e magia
prática em um povo
do ciúndo do murmúro
e do ciume das águas do cutato

ao rulhar, meus olhos
cantam, meus olhos

perderam a bela-vista e a vavayela
brotando os enlaces dos dias
chorando chorando
ociungo cavava capasula njilanjila kasango ava

CHORA E CANTA A BORBULETA

Naquele ambiente sigilo
Conta savitangayala lastimando
Lastimando, pelas agulhas daquilo
E daquela planificação
Que po mim parou, parou
O meu coração naquela emoção

Capim soprando de norte a leste
de dumbo a chinahama
Do sambo a samboto, trazendo a lama
Daquela serpente
Pedagogica, dumbo é so chinhama
Nua de escola que nem eu nem a seu zpai ofereceu
Livro com letras de flores

Apenas nêgrura. Negrura
Com o sol ardente, ardente
Sem sol para os refrescar
Apenas nêgrura
Nêgrura ! Canta e chora
Savitangayala nos mares daqueles
Espaços, chora cantando!



Chora pelos seus candengues
A serem descamisados pelaas letras
Chora por serem escamado pelo abecedário
E chora, chora porque não tem árvores
Nem plantas para por de baixo
Chora porque não existe esferográficas
Nem lápis para com eles pintarem
As suas panelas de vida.

E chora ! Chora aburbuleta chora e canta
Ove a mãe wê osikola kuilete, ove a mãe wê osikola kuilete é
Canta e chora a burbuleta canta e chora em língua nacional
Porque não via escolas suficientes para calcificar
Os seus candengues
Chora e canta savitanguayala !

NAS MALAMBAS DO MAGISTÉRIO

Naflago nas flores da felicidade
Bailonçando nos cajoiros da humanidade
Navegando pois, pois magistério

Nestas águas, meus olhos vêm
Vêm a sangrenta vavayela
De mãos ligadas, a um leito cinjelo
A uma tristeza melancolica, vêm
Vêm trazendo na frente a vavayela
De flores rupestre

Trazendo peito choros de lágrimas
Túmulos encovados nas afamas
Em busca da felicidade
Para eternidade
Num meigo da vavayela, so ela ,so ela
Molda um coração repentino

Lançando a mão nas tempestades
De um horizonte como a da aurora!
Volonelehon yakunde yovamanji
Kekakamiso yalende omanu
Ocisola calende olondaka
Yovamadji akandu alyiola kiso
Lyovatui ! Lyovatui.



* * * * *

O ENCONTRO DOS KOTAS

Num pernoitar do dia
vi palavras a calvagar
sem fim

descrevendo com o GBDS
vidas a caneta
diferente? Não!

No átrio do encontro
O lar da banca recitou
Em voz alta o som dos poetas
A quitaba da vida, o fumo
Das sanzalas, a salada dos kotas

A banca! Com os seus proles
De árvores canta, canta sem sessar

E arranca dos kotas o sorriso
Mais brilhante da época

Com as suas cassetes melódicas
Constroem o retrato de um poema
E cantam
Cantam sem sessar
Mais cantam!

Recebido em: 12/05/2024

Aceito em: 23/08/2024

Para citar este texto (ABNT): JOAQUIM, Evaristo Cassinda. "Os sonhos da minha letra". *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), Vol.4, nº 2, p.333-357, 2024.

Para citar este texto (APA): JOAQUIM, Evaristo Cassinda. (ago.2024). "Os sonhos da minha letra". *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 4 (2): 333-357.